

Indústria produz 2,2% menos no primeiro trimestre

Alimentos e bebidas

Lilian Cunha
De São Paulo

A produção brasileira de alimentos e bebidas nos meses de janeiro, fevereiro e março deste ano teve queda de 2,2%, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (Abia). O resultado negativo foi provocado pela redução dos estoques do varejo ocorrida no final do ano passado. O fenômeno, que atingiu não só a indústria de alimentos, obrigou os fabricantes a breçar a produção em um primeiro momento.

“No fim do ano passado, logo após o estouro da crise, os varejistas só viam a nuvem negra à frente e por isso reduziram seus pedidos para desovar estoques”, explica Denis Ribeiro, diretor do departamento de economia da entidade. “Os supermercados tinham se estocado para o Natal e não venderam tudo que esperavam. Então, não fizeram novas encomendas prevendo um janeiro ruim”, acrescenta.

Mas, ao contrário do que se imaginava, o consumidor voltou a comprar bens de consumo. Para que não faltassem produtos, os supermercados voltaram a fazer pedidos à indústria, que de um momento para o outro, precisou azeitar a produção que antes tinha desacelerado.

Como a maior parte dos itens de alimentação e bebidas são produtos de giro rápido (o intervalo entre produção e venda ao consumidor é curto), a indústria desse setor já está recuperando a queda registrada no começo do ano. “Em fevereiro e dali por diante, os pedidos voltaram”, afirma Ribeiro.

“Houve um momento em que a indústria não tinha produto para vender”, afirmou Cláudio Galeazzi, presidente do Grupo Pão de Açúcar, em evento esta semana em São Paulo. A saída, segundo ele, foi

procurar novos fornecedores para que não houvesse o risco de ficar sem produto. “Na nossa rede o fornecimento já está normal, mas no varejo em geral isso pode demorar ainda mais um mês”, afirma.

Com o setor de higiene e limpeza do lar — que também passou pelo mesmo fenômeno — a recuperação foi mais rápida. “Como temos produtos de giro muito rápido — alguns não passam de uma semana — a indústria voltou ao ritmo de produção em janeiro mesmo”, afirma Maria Eugênia Saldanha, diretora da Associação Brasileira das Indústrias de Produtos de Limpeza e Afins (Abipla).

“É importante ressaltar que, nos supermercados, em nenhum momento houve desabastecimento, seja de alimentos ou outros itens”, afirma o vice-presidente de comunicação da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Martinho Moreira.

Mas em outros setores nos quais o giro dos produtos leva mais tempo esse risco ainda existe. É o caso de bens de consumo mais duráveis, como móveis, objetos de decoração, calçados e vestuário.

“Acredito que só a partir de agosto teremos o ritmo de produção normalizado”, afirma o presidente da Associação Brasileira de Vestuário (Abravest), Roberto Chaddad. “Em janeiro, fevereiro e março a indústria normalmente já está confeccionando a coleção de inverno. Mas este ano, por conta da parada nos pedidos do varejo, só iniciamos a produção em março”, afirma o empresário.

“A evolução da indústria daqui para frente vai ser semelhante a uma corrida de Fórmula 1”, compara a executiva da Abipla. Cada setor, assim como cada carro de uma corrida, teve que fazer seu “pitstop”. Os mais rápidos fizeram primeiro. Os mais lentos, demoraram mais. “Mas só saberemos a classificação final quando o último carro terminar sua parada”, afirma Maria Eugênia.